

RELATÓRIO MENSAL - JULHO DE 2007

ATIVOS	COTAÇÃO	% MÊS	% ANO
DÓLAR COMERCIAL	1,883	-2,44%	-11,80%
DÓLAR PARALELO	2,080	0,00%	-12,24%
IBOVESPA	54.183	-0,38%	21,83%
IBrX-50	7.802	1,19%	20,96%
GLOBAL 40 (USD)	129,00	-1,81%	-2,74%
OURO - BM&F(grama)	41,40	-2,59%	-4,83%
CDI *	11,37%	0,97%	7,04%
IRF-M BM&F	3.263,24	0,46%	8,05%

** últimos 12 meses

* taxa anual (252)

BOLSAS INT.	COTAÇÃO	% MÊS	% ANO
MSCI ALL COUNTRY	393,34	-1,61%	6,95%
DOW JONES (NY)	13.212,00	-1,47%	6,01%
S&P500 (NY)	1.455,27	-3,20%	2,61%
NASDAQ (NY)	2.546,27	-2,19%	5,42%
EUROSTOXX50€	4.315,69	-3,88%	4,75%
FTSE (LONDRES)	6.360,10	-3,75%	2,24%
NIKKEI (TÓQUIO)	17.248,90	-4,90%	0,13%
MSCI EMERGING MARKETS	1.112,77	5,01%	21,93%
IBOVESPA (USD)	28.774,83	2,10%	38,14%
CRB (Commodity Index)	324,10	2,65%	5,48%
GOLD (onça)	667,70	2,88%	4,74%
PETRÓLEO (BRENT)	77,82	6,87%	29,40%
LIBOR 3 meses	5,36%	0,48%	3,23%

obs: rentabilidade em moeda local, com exceção do Ibovespa que foi convertido para o dólar.

MOEDAS	US\$	% MÊS**	% ANO**
YEN*	118,46	3,95%	0,43%
1 EURO =	1,37	1,09%	3,64%
1 LIBRA =	2,03	1,15%	3,72%

* Cotações em Yen/USD e Yen/R\$

** em relação ao dólar

Julho foi um mês extremamente volátil para o mundo das finanças, com as principais bolsas encerrando o mês com os piores resultados em 3 anos. A Bovespa ainda conseguiu fechar em leve queda, mas entregou toda a alta de 7% que chegou a acumular ao longo do mês. As taxas de juros subiram, acompanhando a deterioração do cenário externo e também reagindo à Ata mais conservadora do COPOM. IRF-M (que mede o desempenho de ativos pré-fixados) ficou em 2º lugar no nosso ranking com +0,46% (47,4% do CDI). O dólar teve alguns momentos de stress, mas fechou em queda, perdendo apenas para o ouro, que novamente ficou na lanterna.

Os dados econômicos divulgados ao longo do mês mostram que a economia global segue saudável. O FMI aumentou sua estimativa de crescimento para 2007, de 4,9% para 5,2% (2008 também foi revisado para cima). Os dados da economia americana também não foram ruins mostrando, inclusive, a influência do crescimento mundial na maior economia do planeta. A temporada de balanços também tem sido positiva, com a maior parte das empresas surpreendendo os analistas, principalmente aquelas que têm boa parte de seus negócios fora dos EUA. Contudo, apesar do cenário positivo o mês foi negativo para os ativos de risco. Problemas com o mercado hipotecário americano (segmento subprime) e com Hedge-Funds desencadearam uma forte fuga de ativos de risco (que subiram muito nos últimos tempos) para ativos mais seguros, como os US Treasuries. Até que se tenha um quadro mais claro de qual o real tamanho do problema haverá forte volatilidade, mas a tendência no médio prazo é de que os fundamentos acabem prevalecendo, a menos que os problemas de crédito sejam muito maiores do que o visto até o momento.

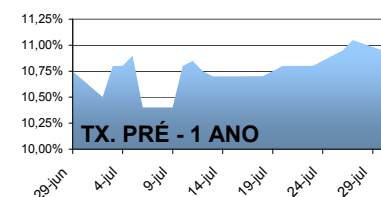
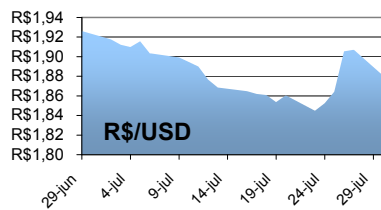
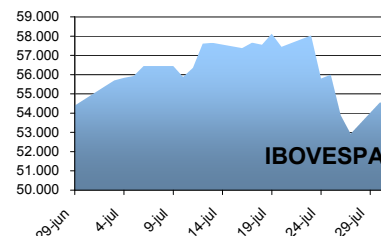
JUROS INT.	REND.	VAR. MÊS	VAR. ANO
RISCO BRASIL (EMBI)	2,13% ^{aa}	0,52% ^{aa}	0,20% ^{aa}
LIBOR ANO	5,24% ^{aa}	-0,18% ^{aa}	-0,08% ^{aa}
US TREASURY 2 ANOS	4,52% ^{aa}	-0,35% ^{aa}	-0,27% ^{aa}
US TREASURY 30 ANOS	4,92% ^{aa}	-0,20% ^{aa}	0,10% ^{aa}

PERSPECTIVA

Bolsa: apesar de toda turbulência vista nos mercados externos e de ter caído acentuadamente desde o pico do dia 19, o Ibovespa conseguiu fechar o mês em pequena queda. Investidores domésticos tiveram uma participação importante nisto, uma vez que só em fundos de ações foram colocados R\$ 4,1 bi. Já os investidores estrangeiros foram os que mais venderam (R\$ 3,25 bi) em função da fuga do risco. A Bovespa segue tendo um preço abaixo da média dos países emergentes, o que significa que seu *valuation* não está caro. Somando-se a isto o fato do brasileiro ainda ter pouco recurso em bolsa, temos fatores positivos para o médio e longo prazo. Riscos existem e um deles é o de um possível "apagão logístico". Oscilações como a que vimos no mês são naturais. O importante é haver uma clara política de investimentos que permita atravessar a turbulência com tranquilidade.

Câmbio: o BC segue comprando dólares (reservas já ultrapassam USD 150 bilhões). Nossa balança de pagamentos segue muito bem, com os números divulgados no mês surpreendendo, especialmente o de Investimentos Estrangeiro Direto - aquele que é investimento em produção. Foi neste segmento do mercado que observamos um descolamento do cenário externo - que mais uma vez comprova que os sólidos fundamentos de nossas contas externas desarmam qualquer possibilidade de desvalorização mais acentuada do real. Enquanto a liquidez mundial seguir folgada e a economia estiver saudável, em especial a da China e de emergentes, não há porque se preocupar. Altas pontuais podem ocorrer, mas sem fundamento elas não se sustentam.

Juros: as taxas pré-fixadas tornaram a subir, mesmo com o corte da Selic de 0,50%^{aa} - que trouxe os juros básicos para 11,50%^{aa}. A apertada decisão do COPOM, sua Ata conservadora, os dados que mostram a economia aquecida e a preocupação com a inflação (expressa no aumento das projeções da inflação do Boletim Focus), adicionados ao já stressado mercado externo foram responsáveis por esta alta. Aplicações de prazos pré-fixados seguem com prêmio, mas nada que se compare ao visto no passado. Até mesmo porque a Selic está em águas nunca antes navegadas e, por isto, exigirá atenção redobrada da Autoridade Monetária.



O único objetivo deste relatório é a prestação de informações a nossos clientes. Sob nenhuma circunstância isto deve ser considerado uma oferta de venda ou uma solicitação de compra de nenhum ativo financeiro ou fundo de investimento. Apesar das informações aqui contidas serem retiradas de fontes fidedignas, e posteriormente checadas, a Argumento não pode ser responsabilizada por eventuais erros na divulgação desses dados. Rentabilidade passada não é garantia de resultado futuro. Este documento não pode ser reproduzido ou publicado para qualquer propósito. Todos os direitos reservados. Copyright 2007.